Revelação

Jornal-laboratório do curso de Comunicação Social

UNIUBE
Educação e Responsabilidade Social

Ano VII•nº271•Uberaba/MG•de 2 a 8 de dezembro de 2003

ESPECIAL

Sombras que falam

e outras crônicas

págs 2 a 9

issuu-downloader.com

Editorial

Multiplicidade da crônica

Laboratório para o estilo

Raul Osório Vargas

Crônica é o símbolo personificado do tempo vivido e relatado. No início, ela que é o rio da memória humana, só pretendia fazer narração cronológica; com o passar dos séculos, se faz relato histórico, para virar ficção literária e depois se configurar em texto jornalístico. Ela nos ajuda a preservar o passado e flagrar o presente.

Mas é no final do século 19, em 1885, quando começa a mexer com o mundo moderno, que ela se transforma. Na América Hispânica, os iniciadores do chamado Modernismo – José Martí e Rubén Darío – fizeram deste gênero novo seu instrumento para redescobrir os acontecimentos do momento. É assim que ela transforma a escrita e, portanto, os modos de percepção da realidade, convertendo o jornalismo no veículo dos primeiros textos verdadeiramente próprios na América Latina.

De 1892 a 1890, Machado de Assis, outro grande cronista do século 19, também gera uma transformação da escrita, com suas crônicas da série *A Semana*, publicadas na *Gazeta do Rio de Janeiro*. Machado dá voz aos esquecidos, fazendo uma leitura dos fatos sociais e, através do acontecimento aparentemente simples, revela as contradições da época.

Nesta linha, Carlos Drummond de Andrade, nascido em Itabira, Minas Gerais, em 31 de outubro de 1902, aos 16 anos já tinha começado a escrever "espécies" de crônicas na *Aurora Colegial* de Nova Friburgo. Na década de 20, escreve crônicas para as revistas *Ilustração Brasileira* e *Para Todos*, e para o jornal *Diário de Minas,* de Belo Horizonte. Sobre o tema, Drummond disse: "Eu faço crônicas profissionalmente, e não reflito muito sobre o gênero, sua evolução, etc. Cada cronista brasileiro tem sua feição própria e não há receitas para o gênero. (Considero insuperável, até agora, o velho Machado). Certamente há uma diferença enorme entre a crônica-folhetim, de Alencar e França Júnior, e a crônica de hoje, mais curta e mais ágil, como os tempos foram impondo."

O cronista encontra nas coisas simples a essência do viver e, com seu ângulo perspicaz da observação, faz a crônica em que estão presentes os habitantes das cidades. O desencontro, o silêncio, a tristeza, a confusão, a alegria, as sombras, mas, sobretudo, as contradições do ser humano, nas novas condições sociais, marcam a pauta que o cronista se impõe. E seu estilo não está restrito na fórmula de um gênero fechado e puro, já que a humanidade se carateriza pela mestiçagem.

O cronista encontra nas coisas simples a essência do viver e, com seu ângulo perspicaz da observação, faz a crônica em que estão presentes os habitantes das cidades

É precisamente essa miscigenação que faz tanto da crônica, como da reportagem "espécies" de uma narrativa livre, fora dos padrões dos "gêneros maiores", permitindo o aparecimento de uma nova forma de abordar o trabalho de captação e recriação da realidade dos jovens repórteres.

A presente edição do Jornal Revelação publica um conjunto de crônicas dos alunos de jornalismo. Crônicas que vão da glosa ao relato, do perfil à crítica, da sátira à paródia. Enfim, crônicas livres, laboratório para o estilo jornalístico.

Raul Osório Vargas é Coordenador da habilitação em Jornalismo

Ombudsman

O estudante universitário

Newton Luís Mamede

Já é se tornou um chavão ou frase feita o conceito de que a razão de ser de uma escola é o aluno. Nada mais real – para usar de outro chavão. Entendida como simples empresa que presta serviço a um cliente, ou, em amplitude *taxionômica*, como instituição de educação, de formação moral, intelectual, cultural e científica de jovens, de pessoas, a escola visa ao aluno, gira em torno dele, tem-no como centro e rumo de todas as suas atenções e ações. Por isso, a escola é uma instituição que surgiu **para** o aluno. Qualquer que seja o nível de ensino e a categoria da escola. A universidade inclusive.

A universidade! Já refletimos, com freqüência, a respeito da necessidade, da importância e do sentido da universidade no contexto social, principalmente de sua participação e atuação no progresso e no desenvolvimento da sociedade. E, nessa linha de progresso e de avanço, exige-se dela um permanente esforço de atualização e de modernidade, de constante adaptação às tendências e às exigências do momento histórico em que ela *vive*. Principalmente se se considerar que a universidade é escola de formação de profissionais de nível e de conduta científica. Por isso, a modernidade no ensino é condição *sine qua non* para a sobrevivência da universidade. Modernidade que combata a crise por que ela passa, tanto em âmbito nacional, quanto mundial. A estagnação de conhecimentos significa retrocesso e atraso, e a universidade é centro de estudos e de pesquisas que ampliam, geram, produzem conhecimento.

Nenhum esforço de remodelação, atualização e modernização da universidade, porém, tem sentido ou surte efeito se não contar com a participação e a dedicação dos estudantes, dos universitários

Nenhum esforço de remodelação, atualização e modernização da universidade, porém, tem sentido ou surte efeito se não contar com a participação e a dedicação dos estudantes, dos universitários. Isto é, do **alvo**, do centro e do fim da universidade. Participação ativa e dedicação responsável em todos os atos que constituem a vida do estudante universitário: estudo, espírito científico, preparo teórico e prático para o exercício profissional, e mais participação comunitária, atuação social e política, formação de consciência esclarecida sobre os problemas que a sociedade vive e que reclamam solução.

Nos estudos acadêmicos, em sala de aula, nos chamados "bancos de escola", o universitário se distingue pela superioridade e profundidade dos conteúdos estudados. Essa distinção amplia-se e avoluma-se à medida que a aplicação de cada aluno se faz presente, de forma responsável e com a consciência de aprender para a vida, e não para a escola. De aprender para solidificar conhecimentos que irão fundamentar os procedimentos de trabalho profissional e de construção da sociedade. E não de aprender apenas para a obtenção de notas.

Essa é a postura ideal do estudante universitário. Mas será que é isso que acontece, de fato, ao menos com a maioria de nossos estudantes? Com os estudantes de hoje? A conduta que ostentam revela, de fato, **superioridade** de estudos? Estão realmente se preparando com seriedade e competência para a vida de profissionais de nível superior? Com verdadeiro espírito científico, de estudos e de pesquisas? O grau de conhecimento que adquirem e possuem é compatível com a série ou período que estão cursando na universidade? Ou é um grau igual ou inferior ao nível de curso médio? Os estudantes universitários de hoje **estudam**, mesmo?

São questionamentos que se fazem e que incomodam, ou angustiam. O mau desempenho dos estudantes prejudica toda a instituição **universidade**. Mas eles serão, indiscutivelmente, os mais prejudicados. Agora e no futuro.

Newton Luís Mamede é Ombudsman da Universidade de Uberaba

Revelação Jornal-laboratório do curso de Comunicação Social, produzido e editado pelos alunos de Jornalismo e Publicidade & Propaganda da Universidade de Uberaba (revelacao@uniube.br)

Supervisora da Central de Produção: Alzira Borges Silva (alzira.silva@uniube.br) • • • Edição: Alunos do curso de Comunicação Social • • • Projeto gráfico: André Azevedo (andre.azevedo@uniube.br) Diretor do Curso de Comunicação Social: Edvaldo Pereira Lima (edpl@uol.com.br) • • • Coordenador da habilitação em Jornalismo: Raul Osório Vargas (raul.vargas@uniube.br) • • • Coordenadora da habilitação em Publicidade e Propaganda: Karla Borges (karla.borges@uniube.br) • • • Professoras Orientadores: Norah Shallyamar Gamboa Vela (norah.vela@uniube.br), Neirimar de Castilho Ferreira (neiri.ferreira@uniube.br) • • • Técnica do Laboratório de Fotografia: Neuza das Graças da Silva • • • Analista de Sistemas: Tatiane Oliveira Alves (mac-l@uniube.br) • • • Reitor: Marcelo Palmério • • • Ombudsman da Universidade de Uberaba: Newton Mamede • • • Jornalista e Assessor de Imprensa: Ricardo Aidar • • • Impressão: Gráfica Imprima

Fale conosco: Universidade de Uberaba - Curso de Comunicação Social - Jornal Revelação - Sala L 18 - Av. Nenê Sabino, 1801 - Uberaba/MG - CEP 38055-500 • • • Tel: (34)3319-8953 http:/www.revelacaoonline.uniube.br • • • Escreva para o painel do leitor: paineldoleitor@uniube.br - As opiniões emitidas em artigos assinados são de inteira responsabilidade de seus autores

issuu-downloader.com

Está certo porque sou doutor!

André Azevedo da Fonseca
4º período de Jornalismo

Nesses diversos congressos, seminários e simpósios que tenho participado pelo país, observei alguns comportamentos muito curiosos de determinada estirpe de intelectual acadêmico. Evidentemente, anotei algumas peculiaridades para compor um personagem encantador.

Diploma de 1º grau, de 2º grau, graduação, pós-graduação, MBA, mestrado, doutorado, PhD e upa, upa, lá vem o Prof. Dr.! Ele não vem sozinho. Carrega consigo uma maletinha onde guarda sua coleção de diplomas para o caso de emergência: nunca se sabe quando precisará de um. Prudência e uma citação qualquer de Wittgenstein não fazem mal a ninguém.

O Prof. Dr. detestava conversar com pessoas que se recusam a ficar imediatamente fascinadas com seus comentários

O Prof. Dr. detesta conversar com pessoas que se recusam a ficar imediatamente fascinadas com seus comentários. Considera estúpido qualquer indivíduo incapaz de perceber que, por trás de seu *bom dia*, há anos e anos de estudo. Acha indecente colegas que, em sua presença, tratam de assuntos que não dizem respeito à sua tese. Um desperdício de tempo inadmissível para um PhD como ele.

Irrita-se profundamente quando uma balconista, um taxista ou um garçom dirige-lhe qualquer comentário, ou mesmo uma pergunta. Ouvir a voz de pessoas estúpidas (sem um diploma, como o sujeito vai provar que não é um deficiente mental?) pode intoxicar sua consciência, da mesma forma que comida estragada intoxicaria seu organismo.

Porém, o Prof. Dr. não demonstra mau-humor, por entender que todos os seres vivos merecem consideração. Por isso, desenvolveu uma técnica pantomímica que simula expressão facial de intenso interesse em qualquer circunstância. Enquanto o ignorante fala, ele procura dispersar o pensamento, ou direcioná-lo para a reflexão de conceitos abstratos. Só fica atento na movimentação da boca do sujeito. Quando eventualmente o intelectual se distrai de suas abstrações e se vê diante a ameaça de prestar a atenção ao interlocutor boçal, interrompe com um meio-sorriso, diz "*muito bem*" ou "*que ótimo!*", finge que o celular vibrou e escapole daquela situação em contorções impossíveis. Sofre náuseas, labirintite, falta de ar, e só melhora quando repete para si: *razão consciência e hermenêutica, sou Prof. Dr.; razão consciência e hermenêutica, sou Prof. Dr.!*

Na verdade, o Prof. Dr. tem até alguma simpatia por iletrados que gostam de admirá-lo; porém, nunca dirige mais do que duas ou três palavras a eles, pois sabe que não vão entender mesmo. Quando ouve uma pergunta, desconversa dizendo "*é isso mesmo*". Depois sai de fininho.

O Prof. Dr. invariavelmente se aborrece quando participa de simpósios, pois sempre aparece um retrógrado que contesta suas afirmações incontestáveis, especialmente aquelas baseadas nos dogmas da nova ciência. Mas ele não se intimida. Acaricia sua pasta de diplomas e, quando se sente encurralado no meio da argumentação, fuzila: *escute rapaz, isso que você diz é ridículo, você está errado, pois sou Dr.!* Com um argumento desses, de fato, encerra-se a discussão.

O Prof. Dr. tem várias cartas na manga para vencer pelejas acadêmicas. Quando alguém expõe um assunto que ele não domina, o Prof. Dr. diz que isso não tem a mínima relevância. Quando apontam nele falhas de raciocínio, O Prof. Dr. atribui a um pensador consagrado na bibliografia e exime-se da responsabilidade da argumentação. Quando percebe que o interlocutor está prestes a fazer uma conclusão perspicaz, o Prof. Dr. interrompe bruscamente, expõe objeções fictícias, faz rodeio e conclui, triunfante, exatamente aquilo que o interlocutor estava prestes a concluir.

Considera estúpido qualquer indivíduo incapaz de perceber que, por trás de seu *bom dia*, há anos e anos de estudo

O Prof. Dr. esforça-se de forma sobre-humana para exibir-se em sociedade como um ser humano igual a qualquer um. Treina no espelho um olhar que pareça, ao mesmo tempo, cúmplice e superior, sincero e *blasé*, atento e descontraído. Cultiva uma extravagância inofensiva porque entende que é de bom-tom ter estilo. Amante da sociologia e da antropologia, idealiza e diz amar, com alma terna, a ingenuidade da sabedoria popular. Não perde a oportunidade de demostrar afeto aos iletrados quando o tema é debatido na universidade. Amante da música, obriga-se a ouvir os clássicos por pelo menos vinte minutos na semana. Quando falha, na semana seguinte ouve quarenta minutos.

Não perde a oportunidade de demostrar afeto aos iletrados quando o tema é debatido na universidade

Admite que ser doutor não significa, necessariamente, ser sempre racional: *é preciso sentir emoções de vez em quando*. O Prof. Dr. não gosta muito de sexo, mas não se sente incomodado, porque Kant também não gostava. De qualquer maneira, faz para cumprir obrigações conjugais, quando necessário.

O Prof. Dr., evidentemente, odeia autodidatas. Tem uma ofensa na ponta da língua para esses atrevidos, citando Mário Quintana: *autodidata é um ignorante por conta própria*. O Prof. Dr. prefere ser um pós-graduado, um mestre, um doutor.

O assassino ameaçado (detalhe) - Óleo de René Magritte - reprodução

issuu-downloader.com

Especial Crônica

O prazer de não fazer nada

Gelza Lima
4º período de Jornalismo

Atarefados ou 'importunados' com o balé, o inglês , a natação , o caratê, as crianças são privadas do eventual ócio. Isso porque os pais acreditam que estão fazendo sempre o ideal para os filhos.Mas sonhar não é importante? Deixar que eles mesmos criem suas brincadeiras livremente não faz despertar idéias novas? O ato de não fazer nada muitas vezes pode dar margem à imaginação.

O ato de não fazer nada muitas vezes pode dar margem à imaginação

E uma chance de quebrar o tédio cotidiano, mas os pais não deixam que as crianças fiquem sozinhas receando, talvez, que elas saiam perambulando por aí e se percam por não terem prontificiado se a estar de guarda sempre. Isso acaba por inibir a liberdade, reduzindo-a ao repertório ultrapassado de brincadeiras velhas.

Esse tempo, de ócio para uns, de sonhos para outros, permite uma compreensão inteira e pessoal

Por que não deixá-las encostadas por horas a um tronco de árvore observando as nuvens e suas formas no céu? Ou permitir que se deitem na grama para contar estrelas e encontrar as constelações? Correr por campos floridos em plena primavera perseguindo as coloridas borboletas?

Esse tempo, de ócio para uns, de sonhos para outros, permite uma compreensão inteira e pessoal. Fitar o céu por horas a fio é uma tentativa de buscar o diferencial no que parece igual para todos, mas não é.

Estender-se sobre a relva para sentir a brisa tocar-lhe suavemente a pele é como respirar por todos os poros uma sensação de leveza e ao mesmo tempo, a simplicidade das coisas. A proximidade com a natureza é tão ou mais importante quanto o convívio com a sociedade.

Contemplar o sol se por, nascer e se por novamente. Belezas que estão a disposição de quem sabe valorizar sonhos essenciais. É gostoso sentir o tempo passar, fazendo o que é novo, fazendo o que é simples demais para não ser realizado durante a existência. O mundo não vai acabar se as crianças forem confrontadas com um dia sem nada para fazer.

O céu está no mesmo lugar, as flores, o vento…o mundo não muda, mas cada um pode mudar. Pode-se permitir que as crianças brinquem na praça, no quintal, na fazenda, que elas parem, respirem, sintam e pensem, abrindo espaço em suas vidas para não fazer nada. Às vezes isso é mais significativo que inúmeras atividades cotidianas que não acrescentam o que é realmente essencial em nossa vivência.

Crianças na praia (detalhe) - óleo de mary cassat - reprodução

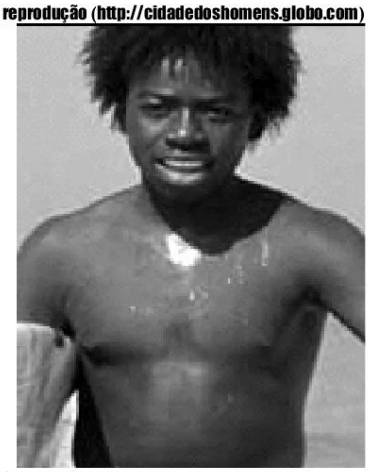
issuu-downloader.com

Especial Crônica

Um retrato da vida dos brasileiros

imagens: reprodução (http://cidadedoshomens.globo.com)

Ana Márcia Dorça de Lima
4º período de Jornalismo



Laranjinha e Acerola são os personagens da série Cidade dos Homens

Na minissérie transmitida pela Rede Globo, Cidade dos Homens, os enredos e personagens são algo muito próximo da vida real. A minissérie surgiu a partir do filme Cidade de Deus, um dos melhores filmes brasileiros. As aventuras de Laranjinha e Acerola dentro e fora da favela são o retrato da realidade brasileira. Pense e faça uma compararação com uma novela. A maioria delas mostra pessoas bem de vida, bem vestidas, mesmo os núcleos dos personagens mais pobres são um tanto fantasia para os nossos olhos com suas casas cheias de conforto. Mas, infelizmente, o povo brasileiro prefere ver a fantasia, adora ver as festas dos ricos, nas quais eles bebem champanhe e exibem jóias em seus pescoços.

Um dos episódios mais interessantes de Cidade dos Homens foi aquele em que os meninos Laranjinha e Acerola, já adolescentes, fazem amizade com garotos ricos. Eles passaram um tempo juntos, o Centro e a Periferia unidos na diversão. Um dos programas foi um passeio ao shopping. Quando entram em uma loja, já fica bem óbvia a desconfiança da moça da loja diante daqueles garotos negros e pobres. Eles ficam um pouco lá dentro e logo saem. Do lado de fora, um dos garotos ricos mostra para Acerola um objeto tirado da loja. Para ele, era uma brincadeira. Acerola não aprova a atitude. Quando se dão conta, olham para trás e vêem o resultado da brincadeira: um deles foi pego pelos seguranças, acusado de roubo. Adivinha quem? O garoto pobre e negro, é claro. Só podia ser ele, não é verdade?

Essas notícias que os jornais nos trazem são a prova de que o crime não está necessariamente ligado aos moradores da periferia

E a arte não imita a vida? Quantas vezes nos pegamos fazendo julgamento de pessoas que mal conhecemos. Julgamos pela aparência. Temos preconceito. É difícil, é doloroso, muita gente não admite. Mas, todos nós temos um pouco de preconceito. Já vimos crimes brutais cometidos por adolescentes ricos, como aquele caso triste do índio queimado. E aquela garota que planejou o assassinato dos pais? Existem muitos exemplos. Essas notícias que os jornais nos trazem são a prova de que o crime não está necessariamente ligado aos moradores da periferia.

No último episódio da minissérie um jovem envolvido com o tráfico decide dar um outro rumo à sua vida. Com a ajuda de amigos e da namorada, se dispõe a procurar um emprego. Quando chega a sua vez, depois de esperar muito tempo na fila, a decepção: as portas se fecham para ele porque ele não sabe ler. Esse é o nosso Brasil. Não dá condições básicas para as pessoas como saúde e educação e depois exige justamente aquilo de que eles foram privados. Não existem oportunidades para aqueles que merecem, que precisam.

Série de TV é baseada no filme Cidade de Deus

issuu-downloader.com

Especial Crônica

Sombras que falam

Gilberto Lacerda
6º período de Jornalismo

Se você tiver tempo, um certo poder dedutivo, não precisa ser muito não, e um pouquinho de paciência, e ler esse texto até o final, vai perceber que uma redação jornalística tem muito do Mito da Caverna, uma dose cavalar dos Sete Pecados Capitais. Duvida? Leia e verá. Tens duas opções. A primeira é ir direto à explicação, pulando o conto abaixo. Se fizer isso, você se encaixa na opção A. Dê uma rápida olhada no final da página 9. Deve ter percebido que existem duas opções em negrito: A e B, ambas de cabeça para baixo. Essa duas opções revelam que tipo de leitor você é. Se optar por ler todo o texto, a começar pelo conto, você se encaixa na opção A. Agora, se você decidir pular o conto e ir direto para a explicação da semelhança de uma redação jornalística com o Mito da Caverna, e também dos Sete Pecados Capitais do jornalista, que está no meio da página 8, então você se encaixa na opção B.

– Lá vem bomba – disse um jornalista veterano, tirando o velho cachimbo da boca

O acidente

A redação estava movimentada naquele dia. Um trem havia descarrilado, e despejado mais de 800 toneladas de produtos tóxicos dentro da única fonte de captação de água da pequena cidade de Mutuma, com pouco mais de 70 mil habitantes. O editor de um jornal de 85 anos, um sujeito alto, barriga exageradamente acentuada, perna finas e longas, voz de Pato Donald, calvície disfarçada com um penteado transversal dos cabelos, alinhados da direita para esquerda, e fixados com gel, entra com olhos arregalados na redação.

- Lá vem bomba - disse um jornalista veterano, tirando o velho cachimbo da boca.

- Pelos olhos arregalados, boa coisa não é - comentou o jornalista mais jovem, dentro do seu terno feito sob medida na alfaiataria mais tradicional da cidade.

Os lábios pequenos da jovem estagiária não ousaram proferir nenhum comentário. Ficou quieta, no canto da redação, preservando sua invisibilidade diante dos medalhões do jornal.

- Um trem - balbuciou o editor.

- O que tem o trem, homem de Deus? - retrucou o velho jornalista, antes de dar uma baforada no seu cachimbo.

- O trem virou.

- Se for o bule de café, não fui eu. Deve ter sido a aprendiz - acusou o homem de terno.

- Água, água!

- Decida, homem! É um trem, café ou água?

- UM TREM DESCARRILOU! TONELADAS DE LIXO TÓXICO FORAM DESPEJADOS NO RIO MUTUMA! - soltou o grito, junto com a angústia de não conseguir articular as palavras.

Depois da porteira aberta, o editor soltou a boiada verbal.

- A água foi contaminada.

O engomadinho de palitó cuspiu a última golada do seu café na tela do computador.

- Contaminada? - gritaram os dois repórteres.

- Onde foi, e há quanto tempo? - questionou o mais velho.

- Nessa manhã, a dois quilômetros da captação - respondeu o editor.

- Será que deu tempo de chegar nas caixas d'água?

- Acho que não. As explosões teriam acordado o funcionário da captação - teorizou o jornalista de terno.

- Vocês são repórteres, descubram! - cobrou o editor.

O mais velho olhou para o mais jovem e ambos viraram as costas para o editor e para a notícia.

- Eu tenho que cobrir a final do campeonato de Torrinha. É hoje à tarde. Não vai dar - justificou o mais velho.

- Sem chance. O clube Jequis tem desfile de moda hoje. Se não tivesse assumido o compromisso, até poderia ir.

O editor ficou decepcionado com a covardia dos seus repórteres. Precisava da notícia e não tinha quem mandar. Era perigoso. Nem o Corpo de Bombeiros se aproximou do local do acidente, com medo da contaminação. Uma pira tóxica iluminava os arredores do acidente, há mais de 10 horas. A violência das explosões carbonizou animais da fauna do cerrado em segundos. Essas eram as únicas informações que chegaram até o editor. A matéria não poderia sair tão superficial. Precisava de alguém, mas quem?

– Estou te dando uma oportunidade única, menina. Espero que aproveite e não me decepcione

- Eu vou - sussurrou uma voz abafada e tímida

- Você? – questionou, incrédulo, o editor.

O que fazer? Só tinha a estagiária.

- Tudo bem, garota. Vou te dar uma chance – disse, solene, como se tivesse uma outra opção.

- Estou te dando uma oportunidade única, menina. Espero que aproveite e não me decepcione - enquanto falava, o editor compridão gesticulava e olhava com as sobrancelhas cerradas para a estagiária, e sopitavam gotículas de saliva da sua boca. Uma delas atingiu o olho da jovem, que reprimiu sua sensação de asco.

- Se a matéria ficar boa, eu posso até pensar num aumento pra você.

- Eu não recebo nada, senhor.

- Ah não? Claro que não. Nós estamos te dando uma grande oportunidade aqui no jornal. Na sua faculdade, você jamais lidaria com essa pressão do dia a dia. Jornalismo literário. Lixo utópico de professores que vivem na Ilha da Fantasia, cercados de ilusões por todos os lados.

A estagiária ouvia tudo com os seus olhinhos negros arregalados. O editor estava cuspindo em tudo que ela acreditava, inclusive nela. Mas não podia questionar ou descordar do editor, afinal ele estava lhe dando uma grande "chance".

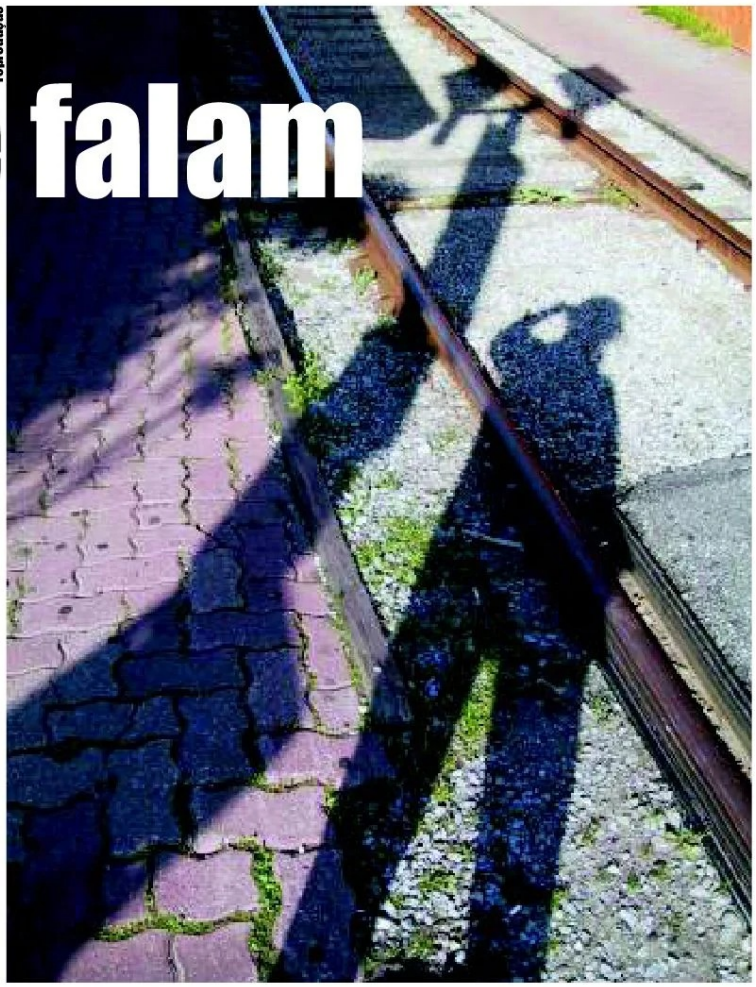
Só fazia matérias por telefone e, assim mesmo, não assinara nenhuma delas, pois os dois jornalistas se apoderavam do seu trabalho

O mito da caverna

Ela estava com medo de sair da redação. Só fazia matérias por telefone e, assim mesmo, não assinara nenhuma delas, pois os dois jornalistas se apoderavam do seu trabalho de pesquisa, assinando as matérias no seu lugar. Nunca tinha ido a campo, falado frente a frente com uma fonte. "Será que eu consigo, meu Deus?", questionou a jovem estagiária. Ela só conhecia a realidade através de sombras, refletidas no telefone da redação. Os dois jornalistas também só conheciam a realidade através da invenção de Graham Bell. Era como se todos escrevessem sobre o mundo, repleto de luzes, de dentro de uma caverna. A pequenina estagiária caminhou com dificuldade, para fora da caverna, em busca da verdadeira luz.

A observação participante

No local do acidente, um cenário de guerra. Mais de 18 vagões tinham descarrilado. O fogo ainda brotava de dentro deles. O rio Mutuma se transformou num rio de lava. Com seu bloco em mãos, a estagiária começou a anotar o que estava diante dos seus olhos. Os bombeiros corriam de um lado para outro, com


reprodução

issuu-downloader.com

grandes e pesadas mangueiras, na tentativa desesperada de combater as chamas. Uma imagem medieval povoou sua excitada mente. Ela lembrou-se dos livros de cavaleiros combatendo dragões gigantescos com lanças, flechas e espadas.

Enquanto seus colegas de imprensa se preocupavam apenas com as perguntas planas do Lead, a estagiária caminhou rumo a um casebre feito de barro e madeira, onde se encontrava um sertanejo de pele morena, pintada pelo sol do cerrado. A tonalidade da pele era binária. O rosto e o pescoço morenos contrastavam com o peito, a barriga e as pernas brancas. A divisão entre uma cor e outra era nítida. Entre o pescoço e o peito, uma gola rolê determinava o começo do branco e o fim do moreno. Nos braços, a pororoca epidérmica provocada por horas sob o sol escaldante do cerrado, também era nítida.

Foi com o sertanejo que a estagiária conseguiu direcionar o seu foco narrativo. Ele presenciou o sono de dois homens que mudaram por completo a vida das pessoas da pequena cidade de Mutuma.

O relógio do sol

Ha cerca de quatro mil anos antes de Cristo, os egípcios faziam uso do relógio do Sol. A sombra de um monumento corria lentamente por marcas no chão, indicando as horas graças ao movimento do Astro Rei. Seis mil anos depois, o sertanejo entrevistado pela jovem estagiária também observava a sombra dos monumentos naturais e do movimento linear do sol para saber as horas. Foi graças à sombra de um eucalipto que o sertanejo pode precisar o momento exato em que o maquinista passou ao seu lado. Eram 7h quando a serpente de ferro, carregada de veneno no seu ventre, margeou o sertanejo, serpenteando sobre as curvas angulosas dos trilhos de ferro. O maquinista não retribuiu o gesto do sertanejo, como fazia costumeiramente. Não pôde, estava dormindo. Uma curva a 100 metros do sertanejo mudou o destino do trem. As enormes rodas de ferro se levantaram lentamente, como se quisessem levitar sobre os trilhos. Os primeiros vagões quebraram feito gravetos, e os demais saíram do prumo, provocando um engavetamento. O dia azul ficou laranja. As explosões seqüenciais arranharam as nuvens. O buquê de fogo desabrochou pétalas fumegantes durante horas. O sertanejo sabia que os vagões continham produtos tóxicos. O rio Mutuma corria para a captação de água da cidade.

Enquanto o veneno líquido descia pelas pedras do rio, o sertanejo açoitava o lombo do seu cavalo, na tentativa de ser mais ligeiro que as águas. Estava perto da estação de tratamento, mas teve que pegar um caminho mais longo, pois as chamas o impediam de chegar ao seu destino em poucos minutos. Quatro horas depois, chegou à estação de tratamento. O único funcionário daquele horário estava dormindo pesadamente. As máquinas trabalhavam sozinhas, enquanto ele descansava. O sertanejo se desesperou ao ver que o veneno chegara à estação de captação de água primeiro do que ele. As possantes bombas bombearam o líquido amarelo para todas as casas da cidade. Apesar do acidente ter acontecido perto da estação de captação, o funcionário não ouviu nada. Sua surdez mudou a forma dos cidadãos de Mutuma enxergarem as sombras.

Sombras que falam e o jornalismo literário

No caminho de volta à redação, a jovem estagiária começou a sentir tonturas. Movia-se com dificuldade. Uma forte dor de cabeça espantou a excitação que tinha minutos antes, no local do acidente. Temeu que os produtos tóxicos tivessem provocado o seu súbito mal estar. Ela observou que a sombra de um velho cavalo não estava correspondendo aos seus movimentos. Aparentemente, o animal não fazia muito esforço para puxar a pesada carroça repleta de sacos de cimento. Mas a sombra projetada no chão expressava toda a dor e o sofrimento do cavalo. Ela se movia aleatória aos movimentos do animal, tentando se libertar da sela e da carroça, dando pulos e pinotes. A estagiária balançou a cabeça, tentando se livrar da imagem surrealista que se desenhava à sua frente. Aquilo não poderia estar acontecendo. Com certeza devia ser efeito dos produtos tóxicos inalados por ela no local do descarrilamento, teorizou.

Na redação, a menina teve dificuldades para começar a escrever. Não sabia como lidar com tanta informação e nem como traduzir em palavras o que viu e ouviu, para o leitor. Tentou fazer o Lead convencional. "Ontem, às 7h, um trem carregado de produtos tóxicos descarrilou, despejando mais de oito toneladas de produtos tóxicos no rio Mutuma...". Não gostou. Tentou de novo, mais uma vez, outra. Desistiu. Recomeçou o texto pela décima vez. "Mais um dia como outro qualquer, pensou o sertanejo. Levantar cedo, ordenhar as vacas, consertar as cercas e arar a terra. Mas um acidente mudou a rotina. O cansaço de um maquinista, provocado por horas de trabalho, culminou no maior e mais trágico acidente da história de Mutuma. Um trem carregado com produtos altamente tóxicos descarrilou, contaminando o rio Mutuma. A água contaminada chegou à captação e foi bombeada para todas as caixas d'água da cidade". Pronto. Tinha conseguido.

O próximo passo era descrever o que viu no local do acidente, trazer ao leitor suas primeiras impressões

O próximo passo era descrever o que viu no local do acidente, trazer ao leitor suas primeiras impressões, traduzindo em palavras o calor, o cheiro e a devastação do local do descarrilamento.

"O fogo podia ser visto a mais de 10 Km do local. Nos arredores, o céu perdeu o seu tom azul, dando lugar ao rubro. As chamas alcançavam mais de 15 metros de altura. Os bombeiros tentavam inutilmente combater o fogo. A luta era injusta, assim como Davi e Golias, só que desta vez, sem a atiradeira. Quanto mais perto do acidente, mais forte o cheiro. O odor penetrava pelas narinas e pelos poros. Ardência nos olhos, lágrimas, dores de cabeça e náuseas eram o primeiros sintomas após alguns minutos no local. Dezenas de animais silvestres mortos. Carbonizados, expressando dor e agonia, como se fossem esculturas de carvão. Tatus, tamanduás, papagaios... Nenhum deles teve chance de fugir do fogo, que consumiu a fauna e a flora do local em segundos. No rio, corpos de peixes boiavam por quilômetros".

A descrição da jovem estagiária a deixou emocionada. Na hora em que presenciou esses fatos, não havia se dado conta da extensão dos estragos e do sofrimento dos animais, consumidos pelas chamas. Sua sombra projetada na parede chorou copiosamente. Ela deu um salto da cadeira ao ver refletidos na parede os seus sentimentos. Nesse momento, o editor entrou na redação, querendo saber se a matéria estava pronta. Ela controlou seus nervos, olhou novamente para a sombra, que reagia "normalmente", virou-se para o editor e disse:

- Quase.

A última parte da matéria era um aviso à população. Precisava dizer a todos que a água estava contaminada. Depois de digitar o último parágrafo, chamou o editor para ler a matéria. Ele mandou refazê-la. Não gostou do estilo literário. Contrariada, ela refez. Estava muito ocupada, digitando, para perceber que a sombra de uma prostituta projetou-se ao seu lado. Era assim que ela se sentia: prostituindo o seu texto.

Compenetrada nas amputações que ele fazia na sua matéria, a menina não se deu conta das intenções do jornalista

Enquanto a estagiária digitava, o editor falava com o prefeito ao telefone, avisando o chefe do Executivo de Mutuma da contaminação da água.

- Não vou fazer isso, senhor prefeito. Eu sou um jornalista, e não um cabo eleitoral - gritou o editor ao telefone.

A estagiária viu a sombra do seu chefe projetar toda a sua preocupação e angústia na parede.

O jornalista mais velho também viu. Pitou seu cachimbo de forma maliciosa, e ligou para o prefeito. Enquanto conversava com ele, sua sombra caminhava para a sala do editor, local da sua nova morada. A estagiária viu tudo e correu para avisar o seu chefe. Já era tarde. Ele havia sido demitido. O jornal pertencia ao prefeito, que não queria alarmar a população quanto à "possível" contaminação. O velho jornalista assumiu o cargo vago e mandou o repórter de gravata e paletó engomado, editar o texto da estagiária. A parte da contaminação foi amputada. A dor na estagiária foi tão grande, como se um membro seu estivesse sendo amputado. Sua sombra "gritou" na parede.

A informação foi ocultada, mas o fato já havia acontecido. Mais da metade da cidade já havia ingerido a água contaminada. Enquanto o do terno "editava" a matéria da estagiária, a sombra do Jason da redação emoldurava sua fixação na universitária. A moldura preta em movimento sodomizava o corpo de menina da estudante de Jornalismo. Compenetrada nas amputações que ele fazia na sua matéria, a menina não se deu conta das intenções do jornalista todas projetadas na parede, sendo expressas por sua sombra.

segue

issuu-downloader.com

O rapaz responsável pela limpeza entrou na redação. A sombra da estagiária percebeu a presença, e sorriu para ele. Enquanto varria e limpava, a sombra do faxineiro caminhou na direção da sombra da estagiária. O desejo reprimido dos dois foi libertado, e as sombras se beijaram e se abraçaram, intensamente. Tinham um pelo outro o carinho quente e terno dos namorados. De frente ao computador, ela sentiu o gosto do beijo dele. Segurando o esfregão, ele saboreou o gosto da sua boca. De costas um para o outro, ambos estavam estáticos, em êxtase, como se o mundo em volta tivesse parado por um instante. As sombras continuavam a se beijar. O jornalista viu a sombra dos amantes. Sua raiva se sobrepôs ao susto de ver os espectros movimentando-se aleatoriamente, desprendendo-se de qualquer lei da natureza conhecida. Gritou com o rapaz:

- Saia já daqui! E leve sua sombra com você! Quero dizer, leve esse esfregão com você – completou, constrangido.

Não podia acreditar no que vira. Sombras não falam. Mas aquelas duas fizeram muito mais do que falar. Sentiu ciúmes do rapaz.

Os gritos do jornalista não despertaram a estagiária da hipnose e dormência provocadas pela paixão. A sombra dela ainda estava beijando a do rapaz. O jornalista não acreditava no que estava diante dos seus olhos.

- Acorda, menina.

- Estou acordada – respondeu, assustada.

O rapaz recolheu o seu esfregão e saiu constrangido da sala.

- Ela é tão linda! É horrível desejá-la, sem tocar o seu corpo. Ver a sua boca e não beijá-la. Estou querendo demais. Ela nem sabe que eu existo.

Depois da matéria editada, a jovem estagiária ficou furiosa

A sombra do faxineiro ficou cabisbaixa, assim como ele. Ambos saíram da redação, melancólicos. Ela e sua sombra também murcharam, feito flores frágeis sob o sol de dezembro.

A rebelião das sombras

Depois da matéria editada, a jovem estagiária ficou furiosa. O resultado final era grotesco. Toda a sua sensibilidade, a apuração dos fatos e a busca da verdade foram sepultadas, dando lugar a uma caricatura de notícia, feitas para satisfazer os anseios políticos de um grupo, e não para informar a população de Mutuma.

O corpo da menina ficou arqueado, os ombros subitamente ganharam o peso da frustração, curvando ainda mais a jovem. A sombra se negara a acompanhar a frustração da estagiária. Seus movimentos frenéticos expressavam toda a revolta diante do esfacelamento do trabalho da menina. Gesticulava com a estagiária, como se cobrasse dela uma atitude contra o que estavam fazendo com seu trabalho. Ela continuava estática. Tinha medo de dizer alguma coisa, afinal era apenas uma estagiária. A sombra não agüentou tanta submissão. Mesmo não tendo boca, cordas vocais e língua, a sombra gritou. Seu grito mudo foi ouvido em toda a cidade. Finalmente a estagiária olhou na direção da sua sombra. Ela não estava mais lá. Desprendeu-se do seu corpo. Não agüentou tamanha submissão.

Mesmo não tendo boca, cordas vocais e língua, a sombra gritou

Todos em Mutuma revoltaram-se. Os índices de criminalidade aumentaram vertiginosamente. Assassinatos banais, originados de brigas de casais, brigas entre irmãos, brigas entre amigos. Ninguém sabia porque a violência explodiu na cidade. Apenas a estagiária sabia o que estava acontecendo. O líquido contaminado arrombou a porta do inconsciente coletivo da cidade. As sombras passaram a expressar todos os desejos, angústias e os sentimentos mais sórdidos, trancados a sete chaves por todos nós. Gula, ira, inveja... Os sete pecados capitais saíram das páginas bíblicas e materializaram-se durante os sete dias da semana. O caos tomou conta de Mutuma.

A jovem estagiária decidiu sair da cidade. Desistiu de procurar sua sombra. Preferiu ir em busca dos seus ideais. Ali, seus sonhos não passavam de sombras inertes. Na estação de trem, viu o faxineiro pela última vez, que trabalhava no seu novo emprego. Ele estava lá a varrer e limpar. Ela não disse nada, não fez nenhum gesto terno. Subiu os degraus do vagão sem olhar para trás. Vestida de adolescente, ficou a olhar pela janela. A pele alva ficou vermelha por causa do sol que iluminava seu rosto de menina. Algumas horas depois, uma sensação maravilhosa tomou conta do seu corpo. Seus olhos negros sorriram ao vislumbrar pela janela sua sombra, caminhando lado a lado com a sombra do faxineiro. Pareciam dois namorados, inebriados pela felicidade que só os amantes conhecem. A felicidade transformou-se em tristeza, ao perceber que o amor dos dois jamais seria vivenciado por eles. Ficando relegado para sempre no mundo das sombras.

Jornalismo e o mito da caverna

No livro VII da República, Platão narra o Mito da Caverna, alegoria da teoria do conhecimento e da *paidéia* platônicas. O Mito da Caverna narrado por Platão é, talvez, uma das mais poderosas metáforas imaginadas pela filosofia, em qualquer tempo, para descrever a situação geral em que se encontra a humanidade. Para o filósofo, todos nós estamos condenados a ver sombras à nossa frente e tomá-las como verdadeiras. Essa poderosa crítica à condição dos homens, escrita há quase 2.500 anos, inspirou e ainda inspira inúmeras reflexões pelos tempos afora. A mais recente delas é o livro de José Saramago, A Caverna. O mito da caverna também pode ser aplicado a uma redação jornalística. Primeiro leia o mito. A comparação vem logo na seqüência.

Imaginemos uma caverna separada do mundo externo por um alto muro, cuja entrada permite a passagem da luz exterior. Desde seu nascimento, geração após geração, seres humanos ali vivem acorrentados, sem poder mover a cabeça para a entrada, nem se locomover, forçados a olhar apenas a parede do fundo, e sem nunca terem visto o mundo exterior, nem a luz do Sol. Acima do muro, uma réstia de luz exterior ilumina o espaço habitado pelos prisioneiros, fazendo com que as coisas que se passam no mundo exterior sejam projetadas como sombras nas paredes do fundo da caverna. Por trás do muro, pessoas passam conversando e carregando nos ombros figuras de homens, mulheres, animais cujas sombras são projetadas na parede da caverna. Os prisioneiros julgam que essas sombras são as próprias coisas externas, e que os artefatos projetados são os seres vivos que se movem e falam. Um dos prisioneiros, tomado pela curiosidade, decide fugir da caverna. Fabrica um instrumento com o qual quebra os grilhões e escala o muro. Sai da caverna, e no primeiro instante fica totalmente cego pela luminosidade do Sol, com a qual seus olhos não estão acostumados; pouco a pouco, habitua-se à luz e começa ver o mundo. Encanta-se, deslumbra-se, tem a felicidade de, finalmente, ver as próprias coisas, descobrindo que, em sua prisão, vira apenas sombras. Deseja ficar longe da caverna e só voltará a ela se for obrigado, para contar o que viu e libertar os demais. Assim como a subida foi penosa, porque o caminho era íngreme e a luz ofuscante, também o retorno será penoso, pois será preciso habituar-se novamente às trevas, o que é muito mais difícil do que habituar-se à luz. De volta à caverna, o prisioneiro será desajeitado, não saberá mover-se nem falar de modo compreensível para os outros, não será acreditado por eles e correrá o risco de ser morto pelos que jamais abandonaram a caverna.

A caverna de Platão pode ser uma redação jornalística. Por que não? Acompanhe o meu raciocínio - adoro essa frase, dá uma certa importância ao que escrevemos.

A réstia de luz que projeta as sombras na parede é um reflexo da luz verdadeira, que são os fatos do dia a dia, que, é claro, acontecem do lado de fora da redação.

Os jornalistas que insistem em fazer tudo de dentro da redação são prisioneiros. As sombras são as matérias feitas por esses repórteres, cuja preguiça é o principal lema.

issuu-downloader.com

Só que não vamos falar sobre preguiça agora. O último texto já trata dos sete pecados jornalísticos.

Os grilhões são os nossos preconceitos, nossa confiança em nossos sentidos e opiniões. Ora, o jornalista deve sempre duvidar. Duvidar de tudo, das fontes, da notícia e até de si mesmo. Caso contrário, será apenas um mero marionete nas mãos dos manipuladores da informação.

O instrumento que quebra os grilhões e faz a escalada do muro é a busca da verdade. O prisioneiro curioso que escapa é o jornalista. A luz que ele vê é a luz da veracidade, o fato ainda em estado bruto, cabendo ao jornalista lapidá-lo. O retorno à caverna é o retorno à redação. Você volta cheio de informações e idéias. Já os seus colegas, que preferem continuar noticiando sombras, não enxergam isso com bons olhos. Preferem noticiar sombras.

Os grilhões são os nossos preconceitos, nossa confiança em nossos sentidos e opiniões

Os sete pecados capitais dos jornalistas

Orgulho – Alguns jornalistas, volto a ressaltar, alguns, têm uma elevada estima e soberba por si mesmos. Há casos que beiram a arrogância. Muitos têm orgulho de dizer que pertencem a um determinado meio de comunicação. Os televisuais se encaixam bem nessa categoria. Gostam de mostrar o microfone com a canopla da emissora por onde passam. Chegam no local da notícia e a fazem em poucos minutos. O quê, quando e onde, já bastam para eles. Sempre vampirizam os textos dos pauteiros, que na TV são chamados de produtores. Jamais chame um pauteiro de pauteiro, é considerado crime hediondo. Produtor é a palavra certa. Os produtores invariavelmente são universitários do curso de Jornalismo. São eles que levantam todas as informações sobre a matéria, conseguem os entrevistados e marcam as entrevistas, cabendo ao jornalista televisual segurar o microfone, fazer as perguntas previamente levantadas pelo pauteiro - perdão, pelo produtor. Ao produtor, cabe também ouvir todos os impropérios e frustrações cotidianas dos televisuais. Quando a matéria fica ótima, o mérito é todo do televisual. Quando acontece algum probleminha, a culpa é do pauteiro. Dessa vez, é pauteiro mesmo. O televisual gosta de usar esse termo quando quer diminuir o produtor.

O cobiçador sempre sai com os chefes para beber. É muito afável e sempre disposto a fazer um favor a alguém

Gula – A gula é muito freqüente no meio jornalístico. Não é de hoje que os operários da notícia recebem salários minguados. O chamado teto mais parece um fosso. Sempre que um prefeito, um deputado ou qualquer outro figurão da política pretende anunciar e ressaltar os seus grandes feitos, reúne a imprensa. Sabe-se lá por que, a coletiva é sempre precedida de alguns tira-gostos. Só quem já participou de coletiva sabe o quanto jornalista gosta de tira-gosto. Alguns esportes são praticados nesses momentos. Entre eles, arremesso de empada. As danadas sempre estão longe da gente. A solicitude se faz presente nesses momentos. É só acenar para um colega mais afortunado, o qual teve a sorte de ficar ao lado das empadinhas, que ele arremessa uma ou duas para você. Somos todos solidários nesse momento. A gula jornalística não se resume apenas à obsessão por empadinhas. A obsessão pelo trabalho dos outros também é gula. Os estagiários que o digam. Numa redação de jornal, há sempre aqueles gulosos que se apoderam dos textos e dos trabalhos de pesquisa dos estagiários, quase sempre não-remunerados, se apoderando dos mesmos como se fossem seus.

Ira – Quando esse pecado acontece, das duas, uma. Ou o editor cortou o seu texto onde não devia e acrescentou o que não devia, ou pior, seu colega foi assediado por um político, o qual ofereceu uma certa quantia de faz-me-rir para aparecer quase sempre na coluna política do jornal, a qual invariavelmente vem sem assinatura. Por que isso é pior? Simples, quem escreve a coluna é você.

Preguiça - Esse pecado é terrível. Num jornal, poucas pessoas trabalham. Geralmente uns quatro ou cinco. O fotógrafo, o editor, o revisor e os dois repórteres. Esses ralam pra caramba. Os colunistas têm uma vida mais tranqüila. Escutam um fuxico aqui, outro ali, e já escrevem, sem sequer checar o outro lado da moeda. Aliás, as colunas sempre mostram um único lado da moeda. Agora, repórter não tem como "roubar" no serviço. Esse tem que ir para a rua todos os dias, e ai dele se não voltar com cinco ou seis matérias. Há aqueles repórteres mais indolentes, pra não dizer preguiçosos - esses fazem as matérias por telefone. Geralmente chegam no final da tarde na redação, ligam para um colega que já fez as matérias, ou para um assessor de imprensa - o vírus que mais se dissemina hoje em dia - e pegam tudo pronto. O repórter "indolente" não pode ver um release. Fica até meio afoito na redação. "Não chegou nada ainda?", perguntam, aflitos, aos responsáveis pelos e-mails. Os repórteres indolentes têm uma característica comum. Sempre estão com bolsas nos olhos, dormir 10 horas por dia nunca é suficiente. Todos são meio nosferatus, detestam o sol - o que confere à pele aquela tonalidade meio cinza.

Luxúria – Muito comum nas redações. Os mais experientes não podem ver carne nova no pedaço - perdão, não podem ver estagiárias no recinto. Todos ficam solícitos. Quando um estagiário do gênero masculino pede auxílio em algo em que tem dúvida, a resposta é sempre singela: "Tu é burro, hein, moleque? Deus me livre, como escolheu Jornalismo como profissão, hein?". Quando a mesma pergunta é feita por uma bela estagiária, me perdoe a redundância, do gênero feminino, a resposta muda um pouquinho: "Ah, lindinha, parabéns! Dúvida é sinal de crescimento. Quem quer saber algo, geralmente está em busca de algo, já dizia o filósofo romano Arisclides!", soltando uma mistura de filosofia de botequim, com cantada voluptuosa.

Cobiça – É um dos piores. Na maioria das vezes, o cobiçador é muito ambicioso. Está sempre cobiçando o cargo de alguém. Se vai fazer uma coletiva política, já se encosta ao senador, para falar o quanto ele é influente na região, principalmente nas camadas C, D, E, F, G e H. O assessor de imprensa de político, deve ficar com a pulga atrás da orelha com esse tipo de jornalista. O editor também precisa ficar com um pé atrás. Principalmente se o repórter for amigo do chefão. O cobiçador sempre sai com os chefes para beber. É muito afável e sempre disposto a fazer um favor a alguém. Entre um gole e outro, gosta de soltar essa: "Eu não sou do tipo de revelar o que os meus colegas dizem, mas o senhor é meu chefe, e acima de tudo meu amigo. Sabe o Alfredo, o editor? Pois é, ele me disse que o senhor é... Claro que eu não concordei, e ainda te defendi". Os cobiçadores sempre defendem (quem tem poder, é claro). Enquanto isso, o editor queima as pestanas na redação, varando a madrugada em busca das informações que faltaram na matéria do "amigo" do chefe.

Inveja – Esse pecado é o pior de todos. Torcedor chato do Corinthians, hemorróida quando zanga e sujeito invejoso, não há nada que dê jeito. Por isso, é sempre bom ser amigo do invejoso. Caso contrário, se cuida, malandro! O jornalista invejoso tem inveja de tudo. Do seu texto, da sua roupa, das suas amizades e principalmente da sua mulher. Os comentários dos invejosos são sempre pejorativos. Se o seu editor chega satisfeito com a sua matéria na redação, ta lá o invejoso botando defeito: "É, ficou boa, mas se ele tivesse prestado um pouco mais de atenção na fonte, perceberia que foram desviados mais de R$ 800 mil e não R$ 8 mil". O invejoso tem outro problema. Ele sempre tem mais tempo do que você. Para preenchê-lo, costuma falar horas e horas ao pé-do-ouvido dos seus colegas. Quando você chega na redação, lá está ele, falando baixinho com alguém. Esse alguém olha para você e balança a cabeça, em sinal de reprovação a alguma atitude sua, a qual nunca será revelada. Sempre fica aquela questão no ar: "o que foi que esse safado falou?". A dúvida, muitas vezes, é pior do que a fofoca.

O jornalista invejoso tem inveja de tudo. Do seu texto, da sua roupa, das suas amizades

aqui ó

Leitor tipo B – Seu mala! Sabe quanto tempo eu demorei para digitar esse texto? Tem idéia de quantas noites de sono eu perdi? Volte lá no começo e leia desde o princípio, seu preguiçoso!

Leitor tipo A – Parabéns! Você acaba de demonstrar que tem muita paciência para ler um texto tão grande e chato.

issuu-downloader.com

Sipat

Evento discute prevenção de acidentes

Conscientização de funcionários garante saúde e segurança no desempenho de suas atividades

Fábio Luís da Costa
3º período de Jornalismo
Graziela Christina de Oliveira
1º ano de Jornalismo

Na última semana, foi realizada a XIV Semana Interna de Prevenção de Acidentes de Trabalho -SIPAT -, nos Campus Aeroporto e Centro da Universidade de Uberaba. A Comissão Interna de Prevenção de Acidentes-CIPA-, organizou o evento que começou no dia 24, abordando o tema dependência química, com o palestrante, Roberto Lazarini, além da discussão sobre o alcoolismo. Também marcou presença a Orquestra do Colégio Dr. José Ferreira.

No dia 25, o assunto discutido foi as doenças causadas por animais e contou com as palestrantes, professora Flávia Esteves e professora Anna Monteiro Lima. Nesse dia, houve a apresentação de dança Árabe.

Na quarta-feira, dia 26, foi realizada a única palestra no Campus Centro, sobre humanização do trabalho. Os palestrantes foram Giovanni Carlos e Heloísa Frizzo. Os grupos do Hospital Universitário e Mensageiros da Alegria do Curso de Terapia Ocupacional também participaram. O evento foi encerrado com uma apresentação da Banda Studio 17.

Dia 27 foi o dia dedicado à saúde. A Unidade Básica de Saúde –UBS- do bairro Alfredo Freire mostrou serviços prestados e práticas educativas em saúde. Foram discutidos assuntos como hipertensão, diabetes e obesidade com os palestrantes Maria Sandra Bastos e Ralfh de Castro. O curso de nutrição participou verificando o peso e a altura dos participantes, e orientando-os quanto aos hábitos alimentares. E além disso, houve uma campanha de vacinação. Para encerrar, a Associação de Deficientes Físicos de Uberaba –ADEFU- levou o Teatro e Dança Arte sobre Rodas.

Funcionários assistiram uma série de palestras sobre segurança no trabalho

Fechando a semana, o palestrante João Eurípedes Sabino, falou sobre os acidentes, mostrando estatísticas de acidentes de trabalho na Universidade de Uberaba e uma peça de teatro.

De acordo com o presidente da CIPA Campus Aeroporto, Wilson Oliveira, a comissão busca preservar o funcionário de qualquer acidente que possa vir ocorrer em seu local de trabalho. "Há hoje no campus aeroporto quase 10 mil pessoas propensas a qualquer tipo de acidente", comenta o presidente.

A CIPA é uma obrigatoriedade do Ministério do Trabalho, onde uma empresa que possui um determinado número de funcionário é obrigado a criar essa comissão.

Durante o ano, eles são solicitados em diversos setores do *campus*, onde tentam sanar possíveis problemas, como por exemplo, uma escada que não possua corrimão.

Uma novidade será a implantação de uma extensa sinalização de segurança dentro do *campus*. "Determinados laboratórios de diferentes áreas possuem riscos específicos. Assim, os riscos biológicos, radiológicos e fisiológicos, serão amplamente sinalizados, pois os visitantes e até mesmo os alunos não têm noção dos riscos que eles podem estar propensos, então, com uma sinalização eficaz poderemos orientá-los quanto aos possíveis perigos", explica Wilson.

No campus aeroporto existem 14 membros, no Hospital Universitário sete e, no campus centro, outros sete membros Parte desta comissão é indicada pelo empregador, que é a Sociedade Educacional Uberabense e, a outra parte, é feita através de uma inscrição onde os outros colegas votam para escolher o representante

"E não cuidamos apenas do corpo acadêmico, há toda uma preocupação com a comunidade e com as empresas terceirizadas dentro da universidade", enfatiza Wilson. Se alguma pessoa do corpo acadêmico perceber algum problema que ofereça risco, é possível entrar em contato com a Cipa através da *home page* da Uniube.

Wilson acha que a semana de prevenção correspondeu às expectativas. "A primeira palestra teve até que ser interrompida depois de uma hora e meia, tamanho era o interesse das pessoas". A preocupação foi em fazer a semana da SIPAT voltada para os funcionários, para que eles se conscientizassem dos riscos que eles correm dentro da Universidade.

A CIPA Campus Centro foi instituída este ano. Para o presidente dessa comissão, Reginaldo Manhezzo, o trabalho está reletivamente bom, com a participação de todos os membros. "Nossas principais metas são trabalhar com a prevensão e utilização de equipamentos de segurança", explica Reginaldo.

Para ele, as metas também foram alcançadas e,a participação, foi acima do que eles esperavam para a primeira SIPAT realizada no Campus Centro. O presidente comemora o fato de, nos três meses de gestão, não ter ocorrido nenhum acidente. "Nós temos recebido um apoio muito grande para a segurança do trabalhador em primeiro lugar", finaliza Reginaldo.

"Não cuidamos apenas do corpo acadêmico, há toda uma preocupação com a comunidade e com as empresas terceirizadas dentro da universidade"

O estudante e funcionário Herbet Campos, acha que a semana da SIPAT é importante porque visa a conscientização e erradicação de acidentes. Além disso, se preocupa também com o bem estar de funcionários e direção, promovendo uma humanização. "O bem comum é que é importante nessas reuniões", disse.

Para o funcionário Alan Carlos da Silva, esse foi um momento muito importante, que juntou todos os setores da Universidade, possibilitando uma troca de experiências

O professor Otaviano Mendonça (dir.) e sua banda sacodiram a Sipat com o bom e velho rock'n roll

issuu-downloader.com

extremamente importante. “Cada um dos temas têm dado a oportunidade de cada um refletir dentro dos postos de trabalho”, disse.

Décio Bragança professor e velho funcionário da Universidade, também esteve presente nos eventos que foram propostos pela SIPAT. Segundo o professor, o trabalho é importante, mas não basta apenas o trabalho, é preciso ter uma segurança inserida nos postos, para que todos os funcionários não corram riscos. “ É imprescindível um local 100% seguro, segurança total e de qualidade.” Explica.

Boas medidas seriam o controle do peso, uma melhor alimentação, exercícios físicos e, o mais difícil, procurar uma diminuição do estresse

Show no *campus* centro

Cientes de extensiva participação dos funcionários nas palestras, a comissão do evento além de ter proporcionado aos funcionários e colaboradores da Universidade uma semana esclarecedora, eficaz e com grande repercussão, teve um grande show no campus centro.

O Professor Otaviano Mendonça, com sua banda de rock, deu um show a parte, onde fez com que todos os presentes relembrassem os antigos e marcantes sucessos das décadas de 60 e 70. Sua multifuncionalidade e entusiasmo sacudiu as janelas do Anfiteatro Cecília Palmério.

“A CIPA não pode ficar apenas no broche para enfeitar roupas, e nem tampouco pode-se cadidatar para garantir emprego. É muito mais que isso!”

Como docente da Universidade, o professor também tem uma grande preocupação com os possíveis riscos que os alunos da área de bioquímica podem sofrer. “A CIPA não pode ficar apenas no broche para enfeitar roupas, e nem tampouco pode-se cadidatar para garantir emprego, é muito mais que isso” diz.

Na área química há muitos riscos, e estamos sempre fazendo inspenção para verificar se há algum tipo risco para os alunos. Concluiu.

Palestras

A palestrante Maria Sandra Bastos, que falou sobre diabetes e hipertensão, disse que a grande maioria das pessoas que estavam no anfiteatro tinham algum parente com uma dessas doenças. “São pessoas que precisam de um acompanhameneto, de fazer exames pelo menos uma vez ao ano”, explicou.

Maria Sandra falou que algumas medidas precisam ser tomadas para minimizar os riscos de se ter essas doenças, já que elas também são desencadiadas por fatores hereditários. Boas medidas seriam o controle do peso, uma melhor alimentação, exercícios físicos e, o mais difícil, procurar uma diminuição do estresse.

Ela ressalta o trabalho realizado na UBS do Alfredo Freire, destacando o papel do profissional de saúde que é o de um aconselhador. Outras informações, ou mesmo, atendimentos, pode procurar Maria Sandra na própria UBS. O telefone para contatos é o 3314 8802.

Reginaldo Manhezzo e Wilson Oliveira são os coordenadores da SIPAT

Campanha Natal Solidário

Em benefício do Acampamento Estrela da Vitória e creche comunitária

Faça sua doação!
Roupas, calçados, alimentos e brinquedos

Doações podem ser feitas no Bloco F, sala 2
(Curso de Ciências Aeronáuticas),
até o dia 12 de dezembro
Telefone de contato: Ana Carolina: 3076-4803

Promoção: Grupo de Jovens da Igreja Santa Maria

issuu-downloader.com

Economia

Pesadelo sistêmico

Os índices de desemprego assustam tanto os empregados como os desempregados

Sana Suzara
7º período de Jornalismo

Revelarte (Imagem de fundo: Operários, óleo de Tarsila do Amaral)

Os índices mostram que as taxas de desemprego crescem a cada dia. Um dos fatores é a escassez de moeda circulando pelo mercado e o fato das empresas estarem em um processo de contenção de gastos, reduzindo a oferta de trabalho. Esse fato é de nível nacional com 12,5%, dados do DIEESE. Mas um dos problemas que dificulta ainda mais essa situação é quanto ao perfil dos empregados que não satisfaz as exigências dos empregadores, como mão-de-obra qualificada e outros requisitos.

Esse é um dos empecilhos enfrentado em Uberaba, que foi constatado pelo SINE (Sistema Nacional de Emprego) um órgão do governo mineiro criado em 1977 para incentivar a geração de emprego e de renda no Estado. Seu trabalho consiste em cadastrar tanto os futuros empregados, que serão qualificados e encaminhados como de empregadores, que recebem o benefício a linhas especiais de crédito oferecido pelo governo, mas isso para aqueles que utilizam a mão-de-obra indicada por essa entidade.

O SINE possui um convênio com a Prefeitura Municipal e no Estado fica locado na Secretaria de Estado de Desenvolvimento Social e Esporte, SEDESEP, dentro da diretoria de emprego e renda. Esse convênio existe desde 1991 tendo repassado ao município a coordenação e o gerenciamento.

Essa entidade facilita o contato entre o empregador e o futuro empregado, através do cadastramento desses trabalhadores que dentro das exigências feitas pelas empresas são selecionados. Três são encaminhados à solicitante para a seleção e, fica a critério desta utilizar o espaço físico do SINE, uma sala para entrevistas.

Há pessoas que desconhecem os serviços deste setor. Esse é o caso do estudante Alexandre Ribeiro, 18, que está desempregado a um ano. Foi ao SINE para acompanhar sua namorada que queria tirar a carteira de trabalho, quando ficou sabendo desse serviço prestado à comunidade, declarou então, o interesse no usufruto.

Mesmo assim, a oferta de trabalho é menor que a demandada. No mês de outubro foram captadas 125 vagas, 662 cadastradas, destas 367 encaminhadas, 48 foram contratadas. Essa é uma estatística que assusta a todos; tanto os que estão empregados como os que não.

Entretanto, essa é uma realidade nacional. Segundas as estatísticas as regiões metropolitanas tem um número crescente de desempregados: São Paulo região econômica do país 19,7%; Porto Alegre 17,7%; a capital baiana entre as demais é a recordista com 28,9%, Recife com 23,9% e em Brasília 22,7% (dados de junho, fonte DIEESE).

Já a capital mineira, a taxa de desemprego aumentou pelo segundo mês consecutivo, passando de 19,7% em julho para 21% em agosto e, estima que o número de desempregado seja de 482 mil pessoas, sendo que a População Economicamente Ativa (PEA) é de 2 milhões 296 mil pessoas e o números de ocupados de 1 milhão 814 mil trabalhadores (também fornecido pelo DIEESE).

A demanda está bem maior que a oferta de emprego e as exigências do mercado de trabalho crescem, exigindo e excluindo outros tantos trabalhadores

A demanda está bem maior que a oferta de emprego e as exigências do mercado de trabalho crescem, exigindo e excluindo outros tantos trabalhadores. Segundo a Gerente do SINE de Uberaba Sonaly Pereira Souza, uma das dificuldades que o trabalhador encontra para conseguir o emprego é a baixa escolaridade, a falta de mão de obra especializada e em terceiro lugar a idade biológica.

Muitas vezes um trabalhador deixa de ser contratado por não atender ao perfil do empregador, entre elas está a aparência física, higiene pessoal e linguajar, fala Silene Maria Barone Educadora Social e graduada em Marketing, que trabalha no SINE e idealizou o programa "sala de espera", um serviço gratuito oferecido a toda a população interessada realizado às quintas-feiras na própria entidade.

Sendo oferecidas palestras sobre saúde, atualidade, desemprego, a importância da qualificação contínua e serviço informal (free –lance). Além da apresentação de gráficos, matérias jornalísticas e outros recursos para conscientizar que essa é uma situação nacional, mas que eles não podem desanimar.

Muitas vezes um trabalhador deixa de ser contratado por não atender ao perfil do empregador, entre elas está a aparência física, higiene pessoal e linguajar

A procura por esse serviço é por pessoas de diversos graus de escolaridade. Todos participam do programa "sala de espera". E enquanto os futuros empregados participam e se cadastram, empresas solicitam a entidade, trabalhadores que atendam às necessidades e exigências; qualificação e experiência são um dos requisitos. Sendo que por dia o SINE atende de cerca de 200 pessoas, armazenando um total de cerca de 5 mil pessoas cadastradas no banco de dados da entidade.

As vagas são anunciadas através dos veículos de comunicação e, cartazes fixados ao lado direito do balcão de informações. Esse foi o percurso feito pelo senhor Luis Fernando Queiroz da Costa, ficou sabendo de uma vaga que estava sendo anunciada pelo SINE, na qual poderia se encaixar, pois já possuía uma experiência anterior. Dirigiu-se até o balcão de atendimento para cadastrar àquela vaga. O perfil do senhor Luis Fernando era o solicitado pela empresa, então, ele e mais dois, como é norma do SINE, foram encaminhado para uma entrevista.

A procura pelos serviços do SINE cresce a cada dia, empresas da região também anunciam as vagas em aberto no SINE - Uberaba. Esse é o caso do senhor Artur Albanese Neto de Campo Florido. Ele é proprietário de uma oficina mecânica e precisava de um funcionário que tivesse qualificação. Contou a um conhecido e ele recomendou anunciar no SINE, e assim fez. O empregador terá o empregado que atenda a seus requisitos e quanto à outra parte a suas necessidade e agrado.

Essa mesma solicitação é feita por outras empresas diariamente. O SINE para homenagear as parceiras empregadoras, ofereceu no ano passado um prêmio a 15 empresas que mais colaboraram com a entidade.

issuu-downloader.com